
O conteúdo deste PDF foi retirado do publicação Actor Falho presente neste endereço da web
http://actofalhoneWS.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html

Editorial

Esta edição já começou com novidades: da reunião de pauta fomos cobrir o lançamento do livro “eu em ruínas” e entrevistamos sua organizadora; incluímos uma nova seção chamada “DEBATE”, onde a cada edição iremos propor uma questão para que todos nós possamos postar comentários, isso – esperamos - vai trazer mais dinamismo e atualização para o blog, que desta forma, passa a ser efetivamente feito por nós!!!!

Trouxemos artigos sobre os eventos realizados pelo nosso departamento: assim você pode acompanhar um pouco do que aconteceu por aqui. Saiba mais sobre o III Encontro de Membros no artigo de Gisela G. Armando e Patrícia Vieira (Com. de Eventos)- foi a partir da discussão que surgiu neste encontro que foi proposta a questão da seção “Debate”, que agora, está no campo virtual. Talita Minervino fala sobre o “Encontro com os autores” e Fernanda Zacharewicz e Luciana B Khair escrevem sobre o Debate clínico. Que esta leitura nos instigue a participar dos próximos eventos que vem por aí!

Na seção “Nós fizemos” trazemos cinco artigos: A formação do desejo do analista em formação por Fernanda Zacharewicz; Breve comentário sobre “Tudo pode dar certo” por Vera Warchavchik; Dos Detetives por Ede de Oliveira Silva; O ‘idealcoolismo’ como estado mental, o masoquismo e o mal-estar na cultura por Antonio Alves Xavier e Emir Tomazelli; Um Skinhead no divã por Ana Raquel Ribeiro. Seguimos com nossa política democrática, como acreditamos que um jornal de analistas em formação deve ser e publicamos todos os artigos enviados. Limitamos os artigos a uma página e não publicamos casos clínicos, limitações colocadas pelo nosso formato de blog. Porém como a cada edição aprendemos algo...nesta surgiu um impasse, alguns autores tinham artigos maiores que o formato proposto e entendemos que nossa edição perderia sem eles. O que fazer? Em nossa opinião, quem decide é o leitor. Nosso propósito de ter artigos curtos é, afinal, facilitar sua leitura. Assim, para estes artigos, criamos uma breve chamada, que permite que você leitor, escolha se irá ou não baixar o artigo na íntegra. Respeitamos o blog, o autor e o leitor. Comente!!!

Algo importante que não podemos deixar de dizer: trabalhamos de forma informal, assim, ao longo do semestre, várias pessoas nos procuraram, colaboraram, trouxeram idéias, propuseram a nova seção, enviaram artigos e isso nos enriqueceu bastante. É isso que somos nós. Aos poucos, o Acto falho vai se transformando em ‘fruto’ de muitas cabeças e muitas mãos... Essa é sua tradição, é isso que queremos com ele: trocar idéias, nos comunicar! Participe, entre no blog e coloque seus comentários!

Recado final da editora: se você não é adepto do mundo virtual, às quartas-feiras estou no Sedes: me fale suas idéias. Precisamos de colaboradores!

LUCIANA BOCAJUVA KHAIR

Debate Clínico

“Alice – sozinha - no país dos horrores”

TALITA RODRIGUES MARQUES

“Ao tocar a fonte da linguagem, uma atividade de construção está engendrada. O analista do tratamento re-encontra palavras,

imagens ou sensações para seu paciente. Recupera a função analítica, a análise movimenta-se para novas transferências”. (Suzana A. Viana)

A construção acima traduz minha experiência como analista do tratamento no Debate Clínico deste semestre. Experiência muito rica, diga-se de passagem.

Freud, inicialmente, apontou para a sexualidade infantil; Melanie Klein para as intensas angústias arcaicas e grandes desapontamentos vividos pelas crianças. Neste debate clínico pudemos falar sobre a inexistência do ‘paraíso da infância”, a partir do atendimento, ainda em curso, de uma menininha de pouco mais de quatro anos. Abordando ainda a fantasmática relação mãe-filha e suas implicações na constituição de defesas obsessivas e na construção da feminilidade.

Um universo infantil permeado por medo pôde ser tratado á luz de uma teoria que proponha métodos de intervenção para que o paciente em questão possa retomar o desenvolvimento mais saudável.

Este medo sempre esteve presente nas relações iniciais da criança. O alto sadismo infantil encontrou o terror no olhar dos pais, que parecem ter construído imaginariamente um bebê-monstro. Ao perceber este olhar assustado de suas figuras primordiais, as fantasias de destruição podem ter sido confirmadas e contra elas as defesas obsessivas se ergueram.

A potencialidade hostil da criança pôde ser discutida como uma intensidade pulsional sem continência, capaz de determinar dificuldades no desenvolvimento, inibições, bem como afastamento emocional dos que cercam esta criança, que por vias de fortes identificações projetivas, ficam paralisados por este montante de agressividade assustador. Isso também ocorria contratransferencialmente.

A analista de supervisão, com sua delicadeza, nos aponta de forma leve – por mais difícil que isto possa parecer – a importância de um setting que favoreça a manifestação da transferência negativa, capaz de assegurar para esta criança a força do ambiente para acolher e lidar com sua agressividade e ainda colocá-la a par de sua capacidade restaurativa.

SUZANA ALVES VIANA

Estamos reunidas em um grupo de aproximadamente nove pessoas, incluindo Talita que nos apresenta o caso, a analista do tratamento e eu que ocupo o lugar de supervisor.

Temos o paradigma necessário para pensarmos as questões que surgem em um atendimento em psicanálise.

Abordo o caso a ser apresentado como um caso que se constrói ali, à medida que deixamos fluir as associações na busca de capturar a transferência sempre evanescente.

... A transferência não se relata, não se escreve, não se traduz, ela não é um texto, daí a insuficiência básica de todo resumo de análise, tome ou não a forma narrativa, seja história de casos ou disposição de fragmentos (Pontalis p.41-42)

Talita traz o impasse que o caso lhe suscita.

Trata-se de uma criança de quatro anos, uma menina a quem chamarei de Alice. Talita estranha a falta de ressonâncias que experimenta, seja sob a forma de associações, seja sob a forma de imagens.

O estranhamento da ausência de ressonâncias é acentuado por se tratar de uma criança e de quatro anos.

Não vou descrever o trabalho que fizemos sobre o caso, mas ilustro o trabalho que desenvolvo aqui, focando minha atenção em um movimento de Alice.

Observou-se que em determinada sequência do brincar – uma festa de aniversário da família – Alice não se personificou na mãe. Em outra sequência, quando o fez, segurou a boneca-filha com a ponta dos dedos e longe dela, entregando-a ao médico.

Enquanto escuto penso que estar na pele da mãe representava possivelmente ter uma filha como Alice. Ter uma filha como Alice evocava nela uma situação aparentemente ameaçadora.

Talita descreve o movimento de Alice sem associações.

A transferência ali se enreda em uma manifestação silenciosa de efeitos emocionais. O que provoca ruído é o silêncio. A função analítica se paralisa.

Então a pergunta: o quê e por que se paralisa?

Os desenhos de Alice sugerem uma violência interna parcamente contida: grandes massas de preto e vermelho, macerados sobre o papel, escapam do contorno

Desenha-se então uma hipótese.

A paralisia da analista captura a função defensiva em Alice.

Nada há para ser sentido, se eu não me colocar como mulher e como mãe. Se o fizesse mataria e/ou seria morta.

A constituição do feminino em Alice pôde ser pensada a partir das reflexões teóricas de Melanie Klein e Maria Torok.

É frequente, em debates como estes, surgirem questões que indagam, ou discutem, sobre a melhor teoria que sustenta a hipótese levantada. Perguntas como “... é possível pensar esta situação à luz das colocações de tal autor? Por exemplo, “se eu pensar este caso, tomando Silvia Bleichmann, ou Lacan, ao invés de Mélanie Klein ...?”

Pensei então em trazer aqui uma proposição de Fédida, refletindo sobre o teórico que, poucas vezes, vejo sendo objeto de reflexão.

Fédida introduz-nos a comunidade psicanalítica, espaço onde os processos psíquicos que ocorrem em uma análise são partilhados com a condição de que esta se instaure.

Não se trata de um espaço físico, logo uma comunidade psicanalítica não é uma sociedade de psicanálise.

Na comunidade psicanalítica a articulação entre a análise pessoal e a análise de supervisão (nome conceituado por Fédida) permite que o teórico seja re- construído (ou re-encontrado), à medida que o analista de supervisão represente um terceiro que irrompe a intimidade transferencial/contratransferencial.

Ao provocar uma fenda no circuito transferencial/contratransferencial, propicia uma reformulação do encontro, através da

suspensão do recalçamento, ainda que a preço de que novas barreiras se levantem. Não importa. Ao tocar o analista do tratamento, o analista de supervisão abre o campo para as potencialidades figuráveis da linguagem. Elas constituem a fonte da linguagem e encorpam o teórico com a única forma possível, aquela que surge da comunidade (comunhão) que se constituiu entre analista de tratamento e de supervisão.

Ao tocar a fonte da linguagem, uma atividade de construção está engendrada. O analista do tratamento re - encontra palavras, imagens ou sensações para seu paciente. Recupera a função analítica, a análise movimenta-se para novas transferências.

Essa atividade de construção engendra novos lugares para o teórico e ele pode ser historiado.

Portanto uma comunidade psicanalítica pode existir entre dois analistas que não reivindicuem a mesma filiação.

O problema acontece quando o teórico perde sua potência geradora de atividade metapsicológica e é tomado como ideologia. A ideologização cultural do teórico, sobre a qual Fédida nos chamou atenção, é responsável pelos modelos onde o supervisor constitui-se em uma formação super-egóica, freqüentemente caindo no doutrinamento teórico ou numa pedagogização do teórico.

Supereu: Teoria e Clínica

MIRELLA MARTINELLI

Em 27 e 28 de agosto de 2010, ocorreu no Sedes um evento organizado pelo departamento de Psicanálise da Criança: “Supereu: Teoria e Clínica”, com seminário clínico, conferência e cursos oferecidos pela psicanalista argentina Marta Gerez Ambertín. Tive oportunidade de participar da conferência (Supereu, ideais e cultura e seus efeitos na clínica psicanalítica) e do curso módulo I (Particularidades do Supereu em Freud e Lacan).

Segundo o pensamento de Marta, o Supereu é o saldo da hostilidade da lei não reguladora dos Nomes-do-Pai (Lacan percebeu que precisava pluralizar a metáfora) que comanda a subjetividade desde seus imperativos hostis (segundo Freud), ou desde seus imperativos de gozo (segundo Lacan). O Supereu em Freud e Lacan é a versão intrusiva e não regulada – corpo estranho e traumático – da pulsão de morte que oprime o sujeito. Por isso configura o revês do desejo e o chamado ao gozo.

A psicanalista apontou para uma confusão que por vezes se faz entre Ideal de Eu e Supereu, cujas raízes estão no texto de Freud, “Introdução ao Narcisismo”, quando ele descobriu uma nova instância psíquica à qual deu o nome de Ideal de Eu. No texto de 1914, Freud aponta esta instância como moção maligna que ameaça constantemente, mas que também teria a função de preservar o narcisismo. Marta Ambertín sustenta que Freud estava tratando de dois territórios, usando um nome apenas (Ideal de Eu). E informa que esta confusão entre o Ideal de Eu e o Supereu permaneceu até que, na Conferência de 1931, Freud demarcou as seguintes diferenças:

O Ideal de Eu seria um reflexo da face amorosa do pai, que traria ao sujeito uma observação benévola de si e o regozijo do Eu. Seria efeito da repressão secundária e da identificação edípica, e mediria a distância entre o ideal e o Eu. Enquanto que o

Supereu seria reflexo da face devastadora do pai, tecendo para o sujeito constantes observações excessivamente críticas de si, inundando o sujeito de reprovações, consciência moral e censuras, e incessantemente criticando a distância entre o Eu atual e o Eu ideal. Seria efeito da identificação primária, e se produziria por incorporação.

Marta salientou que Melanie Klein foi a primeira a enfatizar o aspecto sádico, feroz, hostil e cruel do Supereu. Lacan o trabalhou como a face mortífera da idealização. Marta o abordou como instância que vocifera e comanda de forma insensata, e apontou que a raiz do Supereu é a parte amputada, o coto, da palavra que vem do outro, e encontra no desamparo seu terreno para se infiltrar e sitiar o sujeito por dentro.

Marta Gerez Ambertin dedicou 14 anos para escrever o livro “As Vozes do Supereu”.

Cineclube

O Segredo dos Seus Olhos

MIRELLA MARTINELLI

Em 6 de outubro, ocorreu um debate do cineclube do nosso departamento, com a presença de Ivan Ramos Estevão como debatedor, e a minha. Transmito aqui algumas de minhas reflexões sobre o filme, colocadas no debate.

O filme do diretor argentino Juan José Campanella, pode ser visto como um tratamento psicanalítico: um sujeito diante do retorno do recalcado (que lhe traz vários traumas que o levaram a uma estagnação) em busca do seu desejo.

Um primeiro aspecto que chama atenção é o potencial de elaboração de uma narrativa. O personagem principal, Benjamim Espósito, está na empreitada de escrever um romance, que tem muito de auto-biográfico. Uma frase de Joel Birman revisitou muito meus pensamentos ao ver o filme: “A psicanálise é uma possibilidade que se oferece ao sujeito para a reabertura do seu sistema interpretativo, de maneira a permitir o exame de seus conflitos, que conduziram à estagnação atual.” (Sujeito, Singularidade e Interpretação em Psicanálise. In: Tempo Psicanalítico). O que Espósito, aposentado, faz durante a trama do filme, é justamente uma reabertura do seu sistema interpretativo, tanto de si mesmo, de seus sentimentos e história, quanto do caso Morales, que influenciou tanto sua vida.

O início da narrativa de Espósito (e do filme) é uma volta ao ponto onde houve estagnação: a estação de trem (irônico porque é um lugar para ser de viagem, de passagem, de chegada e partida), que é para ele naquele momento, local de fuga. Depois vamos entender no filme que aquele momento de Benjamim e Irene na estação, é um momento onde ele sofreu repressão violenta contra seu movimento no caso Morales, já que o assassino foi solto, e o está ameaçando de morte.

Também é um momento onde Irene havia acabado de praticamente declarar seu amor por Benjamim (no dia anterior), mas ele precisa fugir – e nem pensa em levá-la junto, não vê essa alternativa. Ele temia este amor (a moça estava de casamento marcado). E logo o filme endereça esse temor - Benjamin acorda no meio da noite e escreve a palavra “TEMO”(que mais adiante no filme se transformará em TEAMO, nos remetendo ao “a” que faltava na máquina de escrever – faltava um símbolo, um elemento de ligação, de articulação, que transforma o “a” reprimido; interessante o objeto “a”, objeto que faz

circular o desejo).

Na cena inicial na estação, tanto no amor quanto no trabalho, Benjamim está reprimido e paralisado.

Não apenas o momento da fuga de Benjamim está articulado ao caso Morales, como também a locação “estação” se articula a Morales – é o local onde encontrou Morales numa situação que levou Benjamim ao insight para fazer o “diagnóstico” de Morales, como expõe para Irene na presença de Pablo: Morales ficou detido ali, na morte da esposa, sua vida não pode seguir. Aquele já havia sido um momento de reabertura do sistema interpretativo, pois o que Benjamim fora solicitar então a Irene era justamente a reabertura do caso que havia sido arquivado.

O filme é isso, magistralmente, do começo ao fim: a reabertura do sistema interpretativo do personagem principal, de maneira a permitir o exame de seus conflitos, que conduziram à estagnação atual. É interessante a tensão produtiva que se faz entre o exame do passado, feito por Benjamim, e a firme intenção de olhar para frente, de Irene, frutificando uma possível “cura”, já que apenas revisitar o passado poderia resultar também numa estagnação, como faz o melancólico, personagem de Ricardo Morales.

A narrativa cinematográfica vai ponto por ponto, elaborando os traumas ocorridos 25 anos antes de Benjamim escrever seu romance, enquanto o personagem os elabora em sua própria narrativa - o romance. Há um constante conflito entre um movimento pelo desvelamento e um movimento pelo encobrimento - ou repressão.

É fantástica a utilização dos objetos de cena, como, por exemplo o álbum, que funciona, para o melancólico Morales, como forma de ficar detido no passado, e instrumento de desvelamento, para Benjamim. Outra utilização magistral de objeto de cena, é a bandeja, na cena em que Benjamim chega na casa nova de Morales, num ambiente rural. Morales vem dos fundos com uma bandeja. Ali o filme planta esse objeto de cena tão importante – o objeto com o qual (veremos na cena em que se desvela que Morales mantém o assassino preso em sua edícula) Morales alimenta o objeto (psicanalítico) que o levou ao luto; alimenta o seu próprio luto – de forma perpétua. A bandeja e a ação diária de alimentar o assassino, fala do COMO Morales se mantém detido: alimentando todos os dias o objeto que o levou ao luto.

Este filme é uma obra-prima e mereceria análise extensa.

“Psicanálise, medicalização e sociedade”

VAMOS LER MENOS!

MIRELLA MARTINELLI

O evento “Psicanálise, medicalização e sociedade”, trouxe para reflexão a importante e tão atual questão da crescente demanda por terapêuticas medicamentosas, e trouxe também interessantes palestrantes de fora do Sedes, que participaram das mesas lado a lado com membros de nosso departamento. Diversos colóquios foram extremamente ricos em idéias, mas alguns me instigam a este convite: vamos ler menos.

No encontro de uma platéia com o palestrante, há um primeiro nível de comunicação que é o contato do olhar. Este contato propicia proximidade entre platéia e palestrante e é uma das benesses do encontro presencial. Quando o palestrante lê um texto

que trouxe, priva a platéia de seu olhar, que se fixa em suas palavras escritas. O primeiro nível de contato já fica prejudicado.

Ademais, a linguagem escrita é muito diversa da linguagem utilizada na comunicação oral. A linguagem escrita, com suas frases longas, apostos, adjetivos antecedendo os substantivos, é própria para ser lida. O leitor pode voltar no texto e saboreá-lo na sua riqueza e estilo, sem perder o sentido. A linguagem oral é mais direta, as frases são mais curtas, e de melhor apreensão pelo ouvinte.

Apesar do cuidado que se nota no preparo dos textos lidos pelos colegas, as apresentações destes, em forma de leitura, não produzem um efeito de tanta interação com a platéia como as comunicações majoritariamente orais. Parece que há uma necessidade de um perfeccionismo na linguagem e de cobrir mais idéias do que seria possível se apenas se falasse sobre o assunto. Mas, na minha percepção, perdemos com isso. Perdemos o aspecto vibrante e próximo que uma comunicação “não-lida” traz.

É mais difícil, é verdade. Para tal, teríamos que vencer nosso medo de esquecer algumas partes e dados (mas um guia de tópicos por escrito auxiliaria nisso). Ainda acho que vale nosso esforço e empenho nesse sentido. Não estar tão colado ao texto escrito abriria mais espaço para as experiências pessoais de cada profissional, que, por certo, as têm. E que é muito rico para a platéia ouvir.

Assim, convido a todos a buscarmos a forma de comunicação majoritariamente oral para nossos próximos eventos, jornadas, debates e que tais. Vamos ler menos!

Nós Fizemos

Sem Medo da Monografia

MIRELLA MARTINELLI

Durante os anos em que fui aluna do curso “Formação em Psicanálise”, me debati entre dois temas que me empolgavam para desenvolver em minha monografia de final de curso. No último ano, me decidi por um deles: o estudo do caso de uma criança que atendi, com grave falha em sua estruturação psíquica. Minha orientadora, Maria Teresa Rocco, apoiou minha escolha, e um dos motivos apontados por ela foi que eu havia anotado praticamente todas as sessões e supervisões desse tratamento que durou mais de dois anos e meio. Teresa Rocco sugeriu que eu iniciasse o trabalho por um estudo detido do pensamento de Silvia Bleichmar acerca do recalque originário, o qual veio a ser a principal referência teórica de minha monografia. Tendo apreendido diversos conceitos a partir deste primeiro estudo, passei a seguir o roteiro para monografias, elaborado pelo corpo docente de nosso departamento. Ele me apontou um caminho seguro a seguir e uma quantidade enorme de questões. Elaborei um relato detalhado do tratamento, através do qual pude enxergar o percurso clínico daquela paciente como um todo. Surgiram várias dúvidas teóricas.

Em reuniões de orientação, recebi sugestão de diversos outros texto para estudar. Acrescentei à eles, meu próprio desejo de revisitar alguns autores. Foi muito rico poder olhar para as questões através das lentes de diferentes linhas do pensamento psicanalítico. Escrever trouxe muitos momentos em que era tão grande o esforço para articular teoria e clínica, que houveram

dias em que me contentei realmente por ter produzido apenas um parágrafo. Foi a primeira vez em que me dediquei a um texto de tanta extensão e profundidade, entrelaçando teoria e clínica. Senti angústia em muitos momentos, mas o mergulho dedicado a este estudo foi, em sua grande maioria, extremamente prazeroso. Seguiram-se assim os meses e concluí o trabalho contando sempre com o olhar dedicado, atento e questionador de minha orientadora, a qual ainda, por fim, questionou o título da monografia. Permeável às suas observações, cheguei a um título que ambas consideraram refletir bem o conteúdo do texto: “Falha no Recalque Originário e Neogênese: o caso da menina Célia.” (disponível na biblioteca do Sedes para quem quiser ler; se solicitado, eles inclusive enviam por e-mail!)

Preparei uma apresentação com alguns curtos textos meus e desenhos da paciente para serem projetados na defesa da monografia, além de um resumo do caso, para expor oralmente. Estudei alguns conceitos sobre os quais não me sentia segura. Mas um texto de 50 páginas oferece muitas entradas, de forma que fui questionada pela banca em outros pontos. Nem sempre tive boas respostas: sobre algumas questões, pude colocar meus entendimentos e pontos-de-vista, propiciando inclusive um interessante debate, enquanto que acerca de outras, declarei minha ignorância e pouca experiência. Mas também a defesa da monografia foi prazerosa, pois as participantes da banca (Cristina Perdomo e Eliane Marracini, além de minha orientadora), embora questionadoras, foram generosas e abertas, propiciando uma atmosfera agradável e produtiva. Afinal, o que mais sinto vontade de comunicar aos colegas é que não é preciso ter medo da monografia. Mas saborear o processo do começo ao fim!

A formação do analista e o NÃO ao título de Especialista em Psicologia Clínica pelo CFP

FERNANDA ZACHAREWICZ

A questão da manutenção ou não do título de especialista em Psicologia clínica oferecida aos psicólogos que terminam o curso de Formação em Psicanálise é uma pauta importante a ser discutida por todos nós. Mas deparo-me já aqui com uma indagação: todos nós quem? Alunos e professores? Psicanalistas e psicanalistas em formação? Será que debater a questão é só de interesse dos psicólogos? Pretendo, ao longo dessas linhas, sugerir algumas respostas.

Quando escolhi esse curso fiz também pela oportunidade de ter mais um título em meu curriculum. Durante muito tempo fui contra a desvinculação do curso ao CFP. Mudei de posição.

A formação do analista se dá integralmente no âmbito da Psicanálise, teoria e prática clínica que situa-se além da Psicologia. Esse é só um ponto pelo qual não deveríamos por-nos sob o manto do CFP.

Quando enfim nos tornamos psicanalistas? Todos sabemos que é quando nos autorizamos a tal. Autorizar a si mesmo é tarefa íntima, compartilhada com a sociedade psicanalítica que nos cerca mas, antes de tudo, conosco mesmo, no divã de nosso analista. Aprendemos, de diversas formas, que não adianta impormos de fora. O externo não encontra eco no interno se já não houver uma elaboração anterior. De que então adianta a titulação?

Pode-se aqui argumentar que embora não traga benefícios, mal também não faz. Será? Quantos de nós no primeiro ano

ficamos indignados ao responder chamadas e receber notas que nos diferenciam por um ou meio ponto? Pode-se medir o processo de tornar-se analista dessa maneira? Para o CFP sim. Através do controle dá-se o panótipo. Somos, dessa maneira, enrijecidos em padrões que respondem à exigência de uma instituição que, embora não seja de Psicanálise, legisla sobre o que deve aprender um futuro psicanalista. Divide-nos em alunos e professores, hierarquiza. Dificulta a formação, entendida como processo interno, tempo de maturação.

Cabe ainda pensar se esse é um debate somente de interesse dos psicólogos. Não, é de todos os psicanalistas, pois todos sofrem com as modificações no curso que, mantendo-se assim atende às exigências do mercado dito soberano, ao invés de questioná-lo como exige o compromisso com a carta de princípios do Instituto Sedes Sapientae, que abriga nossa formação.

Em Destaque: Jornada de Membros

EMIR TOMAZZELLI

A Autogênese Kleiniana (Mesa de abertura)

Então...

Nesta sexta-feira dia 10 de setembro, a ‘Autogênese kleiniana’ foi apresentada por mim. Estará disponível na Biblioteca do Instituto, ou com Patricia Paschoal/Gisela Armando. (giselaarmando@gmail.com)

Foi comentada pelo Professor Durval. Grande amigo, e especificamente escolhido não só por ser amigo, mas por ser lacaniano, corinthiano e roqueiro.

Daqui excluo o significado político de nosso gesto, mas creio que ele exista. Não falo nada sobre ele... talvez venha ainda a repercutir.

Afirmo isto porque olho do ponto de vista da produção científica da instituição, e, neste sentido, eu só poderia expor a “Autogênese kleiniana” ao pensamento de Lacan, se estivesse ‘protegido’ pelo olhar de um amigo. Achei melhor que os diálogos fossem amortecidos pela amizade de dois psicanalistas, porque os supus duros, se fossem até os limites de uma discussão racional possível dentro de uma instituição. Por isto Durval e eu, mesmo sem combinar, nos compusemos com uma intenção de manter esse espírito quando estivéssemos juntos diante do departamento. E foi o que aconteceu.

Não creio que Lacan seja amigo de Klein. Ou que o lacanismo seja amistoso ao kleinismo. Em Klein ‘o deus mais assustador ainda’ é aquele que me fala, ou seja o outro. Porém quando ele fala por mim, a partir de mim, aí sim é o terror. A teoria das relações objetais é a teoria da relação do ‘eu-coisa’ com as ‘coisas-coisa’.

Porém a idéia principal para mim, e que me pareceu ser a minha proposta original, foi a de colocar Klein diante de Lacan. Tomando Klein como uma teórica autogenética, e Lacan, como um teórico que defendesse a exogênese: “o homem é constituído

pelas palavras”. Logo, o homem é feito de fora para dentro.

De qualquer forma, hoje, depois da experiência, concluo que houve tensão - derivada do contato dos autores escolhidos para estarem lado a lado e talvez da função fantasmática que pairou sobre mim e o Durval - e que não permitiu que acontecesse o pensamento. Perdemos-nos em uma discussão colateral sobre o “ser humano”. E acabamos num beco sem saída.

Bem, mais um problema a pensar.

De qualquer forma a ‘Autogênese’ ficou de lado. Não se pode discutir a auto-criação, a autopoiese, o sistema que faz ele mesmo, o sistema cujo ambiente é ele percebendo o próprio ambiente pelas trocas que ele faz com o exterior, sem, no entanto, permitir que esse exterior interfira no interior.

Deixamos de mencionar que ‘narcisismo’ é como autopoiese, é como psicose, uma espécie de locked-in syndrome. Síndrome que poria por terra o argumento da teoria das ‘relações objetais’, dando a elas seu caráter mais real, mais claustrofóbico, de encerramento vivo. Trancamento vivo. Eis a Autogênese senhores. O homem sem exterior. E eis uma proposta de que poderia haver uma psicanálise sem Winnicott, sem ambiente, sem além de si.

Desilusão solipsista? Bem!!!

Este homem sem exterior deveria ter sido exposto a um outro homem, o homem exogenético. Homem fustigado pelos ventos vindos do sopro que nascem dos lábios dos falantes que ferem o pequenino bebê humano com sua pornografia, como sua pornofonia...

Isto não se viu discutido.

E a intenção era vê-lo.

Talvez o Acto-falho seja um espaço onde essa discussão possa acontecer. O que vocês acham?

Autopoiesis(1) de um departamento

ANA LUCIA GONDIM BASTOS

A composição da mesa de abertura da XI Jornada de Membros do nosso departamento chamou a atenção, e foi bastante comentada nos corredores da instituição, por comportar referências psicanalíticas muito diferentes. Mais do que isso, a proposta consistia que o texto intitulado “Autogênese Kleiniana: psicose e autopoiesis” de Emir Tomazelli, fosse comentado por Durval Nogueira cuja leitura da psicanálise é sabidamente realizada a partir da lente lacaniana. Ou seja, não teríamos apenas um kleiniano ao lado de um lacaniano, mas uma construção dialógica de falas que não poderiam se manter, portanto, paralelas. E foi o que aconteceu, diante de todos os que se dispuseram a testemunhar o encontro que se traduziu como possibilidade de abrir espaço para que novos sentidos possam ser revisitados, ampliados, transformados, numa resistência à homogeneização

de efeitos ou repetição de significações. Daí a recorrência da poiesis (ou da autopoiesis), que se vincula a uma necessidade de criação, de reinvenção, que impulsiona à prática de uma atividade lúcida e deliberativa. Nada mais estimulante para uma Jornada cuja proposta é ser um lugar de interlocução, lugar no qual o Nós poderá saudavelmente se decompor em Eus. Esses Eus que, muitas vezes, acabam por ficar subsumidos no emaranhado produzido pelo Nós! Interlocução que será, na mesma medida, o que irá tecendo redes de sentido para que aquele grupo (nosso departamento) possa interagir significativamente. Igualdade e diferença, o Eu e o outro, não antinomia, mas distinção. Distinção que pressupõe tensão diante da “indigesta presença do outro”, como nos trouxe Tomazelli, mas que está no “miolo do ato criativo”- ainda utilizando o dizer do palestrante - de qualquer relação objetual.

Foi daí que, mais do que em minha prática clínica, a mesa de abertura me fez pensar sobre o espaço Institucional configurado por nosso departamento e sobre a importância de estarmos atentos para não nos abandonarmos no conforto narcísico que nos tira a voz, que nos faz perder dimensões históricas (individuais e coletivas) e nos funde numa massa homogênea “sem rosto e sem vontade” – como disse Chauí em seu texto “Discursos Competentes e outras falas”. E como tudo isso não se refletiria em nossas práticas clínicas? Daí, recomponho o que disse no início do presente parágrafo: a Mesa de abertura me fez pensar, essencialmente, em minha prática clínica!

(1) Termo cunhado pelos biólogos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana que se refere à capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios.

XI Jornada de Membros do Departamento de Formação em Psicanálise: Dias 10 e 11 de Setembro

ELEONORA KEHL JABUR

Poderia usar uma série de palavras para descrever a jornada deste ano, mas dentre tantas, a palavra que me fica é “comprometimento”. De um modo geral, esta foi a sensação que tive ao assistir às mesas: pessoas comprometidas não só com a Psicanálise, mas também com as questões que a partir dela são suscitadas. Comprometimento com os casos clínicos apresentados, comprometimento com o saber criativo, comprometimento com as novas possibilidades dentro deste universo sempre tão fértil e, acima de tudo, comprometimento com a ética.

As discussões das diferentes mesas, que inicialmente pareciam tratar de questões bastante distintas, pareceram-me se cruzar em um ponto comum: o novo dentro da Psicanálise, isto é, o caminho dentro da Psicanálise no qual há espaço para a criação, para o movimento, considerando sempre a questão da ética e os limites por ela apresentado. Parece-me que esta última coloca-nos diante de uma linha tênue e de difícil delineamento, mas que foi chamada às discussões da jornada o tempo todo.

Trocas acerca da movimentação do novo e da possibilidade criativa dentro do pensar psicanalítico parecem-me sempre muito ricas e férteis. E nesta jornada não foi diferente. Pontos importantes foram levantados, questionados, discutidos.

A partir desta experiência, uma questão em particular foi em mim mobilizada. Diz respeito à saber como, a partir de discussões

tão ricas e criativas, não caímos novamente em formas, rótulos e regras paralisantes. Como discutir e pensar a liberdade do pensar psicanalítico, sem enquadrá-la em teorizações, tornando-a assim limitada e limitadora, a fim de aplacarmos nossa angústia e desconforto diante do que nos é desconhecido? Parece-me esta mais uma questão a ser discutida e investigada.

A importância do diagnóstico diferencial no TDAH

PATRICIA VIEIRA

INTRODUÇÃO

Há aproximadamente uma década temos observado um aumento considerável de crianças diagnosticadas com TDAH (transtorno déficit de atenção e hiperatividade).

Este trabalho pretende através do conceito de transtorno desenvolvido por Silvia Bleichmar, ampliar a compreensão do TDAH para que este transtorno não seja confundido como uma doença em si mesma e possa ser compreendido como um sintoma neurótico ou então um indicio de uma constituição psíquica rota.

Sintoma ou Transtorno: buscando respostas na teoria

Freud em seus primeiros textos, Sobre as afasias (1891), Projeto para uma psicologia científica (1895) e a Carta 52 (1896), inicia a construção de um esquema representando o funcionamento do aparelho psíquico, capaz de dar conta dos primeiros movimentos que instauram o sujeito psíquico, de como se dão as ligações que, por sua vez, originam-se as representações.

Um conceito que julgo importantíssimo recortar para esta apresentação, é focalizado já no texto de 1895, quando Freud formula uma das questões básicas da constituição do aparelho psíquico, que é a vivência de satisfação.

No texto Projeto para uma psicologia científica (1895) Freud diz que a descarga de energia investe um conjunto de neurônios que corresponde à percepção do objeto que proporcionou a satisfação que denomina *Bahnung*: quando o estado de necessidade se repetir, surgirá um impulso psíquico que procurará reinvestir a imagem mnêmica da vivência de satisfação, tentando reproduzir a satisfação original. “A atração do desejo resulta numa atração positiva para o objeto desejado, ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica...”

O estado de satisfação estará ligado à imagem mnemônica daquilo que lhe permitiu a descarga da tensão endógena e, quando o estado de tensão surgir novamente, essa imagem mnemônica será reativada produzindo uma percepção alucinatória da vivência.

Para Freud, portanto, a vivência de satisfação é o encontro entre o bebê e quem lhe permite obter a descarga das tensões advindas do corpo, entendendo-a como um evento “[...] que tem conseqüências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo”.

Com o conceito de vivência de satisfação, fica definido o lugar da função materna, do outro, na constituição do sujeito psíquico: o organismo humano é incapaz de promover a “ação específica” que lhe aliviaria a tensão, o desprazer, e, portanto,

ela se efetua por “ajuda alheia”.

Será na trilha do autoconservativo que a cria humana, ao necessitar do outro humano, passa a ser investida com novas inscrições provenientes desse outro que Freud denomina “ajuda alheia” e que entende como o outro responsável pela função materna. Essa satisfação buscada pelo bebê não se restringe à satisfação das necessidades físicas e alimentares, mas à resposta a uma demanda libidinal proveniente desse outro representante da “ajuda alheia”.

Silvia Bleichmar no artigo *Del irrefrenable avance de las representaciones*, em un caso de psicoses infantil afirma que é necessário pensar a função materna não só do ponto de vista autoconservativo. Deve-se recuperar o caráter de sujeito sexuado da mãe, não só em relação à castração, mas principalmente em relação à existência de um inconsciente. Diz Silvia: “... lo pulsional activa sistemas de representaciones que hacen a los modos de encarar las maniobras que los cuidados precoces del hijo imponen.”

A intrusão do outro humano dotado de inconsciente inunda a cria com uma energia não qualificada, não traduzida, ocasionando o traumatismo.

Segundo Laplanche (1996), a Sedução Originária seria fundante do psiquismo: encontro de restos inconscientes de um adulto, restos que ele desconhece, com uma criança que busca a satisfação das suas necessidades.

Para Bleichmar a repressão originária é fundante, incide sobre estes significantes intrusivos que o bebê não tem como decifrar e está intimamente relacionada à separação das instâncias psíquicas e com a fundação do inconsciente. Portanto, através dos efeitos da repressão originária é que podemos saber quando há inconsciente, para então abordá-lo analiticamente.

Quando a repressão original falha o aparelho psíquico permanece aberto. Os estímulos exteriores penetram e não encontram sistemas de escoamento organizado para a energia que transportam. As inscrições originárias sexualizantes permanecerão não sepultadas (recalcadas) retornando em formas irrepresentáveis, como restos que ficam impossibilitados de significação.

“... falhas na repressão original dificultam a separação da carga da representação, o que leva ao ato, em vez da separação entre ato e discurso.”

Assim para Bleichmar o transtorno é caracterizado pela falha na repressão originária. Pela impossibilidade do aparelho psíquico constituir ligações, significados necessários para que o discurso do outro ingresse como representação palavra e não como representação coisa.

Segundo Zimmermann: “... quando se fala em sintomas, pressupõe-se um aparelho psíquico que já organiza as percepções, no qual há formações inconscientes que fazem funcionar a repressão originária, ordenando significações...”.

A existência da separação dos sistemas inconsciente (processo primário), pré-consciente (processo secundário) nos sugere après-coup que este aparelho psíquico sofreu a ação do recalque originário.

Bleichmar afirma que as formações do inconsciente tais como: sonho, atos falhos, sintomas e chistes evidenciam a existência de dois sistemas, do inconsciente e do pré-consciente, em relação mútua de exclusão e compromisso, quer dizer, em conflito.

CONCLUSÃO

A partir da realização do diagnóstico diferencial podemos delimitar se a hiper agitação de uma criança tem características

de um sintoma ou se refere-se a um transtorno. Esta diferença situa o manejo clínico, pois no caso de ser um sintoma o foco recairá sobre o que está por trás deste enigma.

No caso de ser um transtorno o trabalho clínico voltará para a constituição do sujeito, para a instauração do recalque originário e com certeza este paciente necessitará de um manejo clínico diferenciado.

Muitas linhas e caminhos poderiam nos conduzir, desde fenômenos culturais como a geração do delivery, fast, e zap como também poderíamos enfocar o poder da indústria farmacêutica direcionando os diagnósticos.

Prefiro acreditar que este aumento de crianças diagnosticadas com TDAH reflete o próprio desamparo das instituições sejam elas a família, a escola ou clínicas de uma forma geral.

Há necessidade da realização do diagnóstico diferencial para que a hiperatividade não seja confundida como um sintoma neurótico e que as falhas da estruturação psíquica possam aparecer. O profissional que atende estes pacientes tem que ter um olhar sobre o sujeito e a complexidade de seu processo de constituição, além de uma formação pessoal que sustente este percurso, observando as passagens e discriminando o momento onde deverá intervir outra especialidade.

Gostaria de encerrar o meu texto com a seguinte citação de Zimmerman: “...organizar uma cena transferencial na qual um sujeito do “transtorno” possa produzir seus enigmas é ajudá-lo a passar pelo processo em que ele irá se inscrevendo, por meio do seu corpo e a partir do nosso, até que, aos poucos, a concretude de seu corpo possa ser deixada de lado. Antes de tudo, é uma tarefa que exige a capacidade de sustentar uma duplicidade frente ao mesmo: a possibilidade de poder misturar-se e diferenciar-se. Sem pânico de perder-se, nem desagrado de “emprestar-se” temporariamente.”

O nosso círculo – fragmentos de uma escuta psicanalítica

LIGIA VALDES GOMEZ

Trabalho que nasceu a partir da experiência do seminário clínico de 2009 do curso Formação em Psicanálise e depois cresceu para esta jornada de 2010.

No seminário o objetivo era possibilitar ao aluno uma reflexão sobre a escuta, tendo em vista a sua formação como analista. A prática adotada era, após a reflexão e análise sobre um caso clínico, relacioná-lo com produções de artes-plásticas, de literatura e de música; destacando a escuta do analista na experiência da transferência e contra-transferência, tão caras, à prática psicanalítica.

Neste trabalho escolhemos um único caso clínico - Béa, e trabalhamos as várias possibilidades de escuta das analistas em formação, e as diversas articulações e entrelaçamentos que houve entre elas, permitindo a construção de um fazer coletivo.

Consideramos a escuta psicanalítica a partir de três aspectos: como transgressão; como uma repetição que pode trazer o novo e como paradoxo.

Um significante ao relacionar-se a outros significantes constrói uma rede, trama composta pelo trânsito entre eles, que ampliam infinitamente as possibilidades de significação, construindo uma polissemia. A rede se constrói como uma rica tessitura, que anuncia o inconsciente – esta é a escuta psicanalítica.

Mas como numa terceira margem do rio, eu gostaria de focar um outro elemento da rede - os vazados, os espaços que ficam entre os fios. Os vazados constituem lugares que marcam um trânsito para fora da palavra. Explico: se por um lado, o que escutamos vai formando uma rede que impulsionada pela pulsão vai se movimentando como um caleidoscópio de linguagem, de palavras, nós, fios, é nos espaços entre os nós da rede, é onde não há linha ou fio, que está o fora da palavra, o além da palavra – lugar de caos e silêncio.

Cabe ao analista escutar e captar esses momentos, e ir modelando-os para que possamos fazer descobertas. É preciso consentir em transgredir, escutar para fora dos estereótipos e chavões. É preciso permanecer atentos a um ecoar interno, às vezes um sussurrar, às vezes um trovejar, em que a escuta do sempre igual, se transforma, lugar de criação. É preciso permanecer no paradoxo como essa movimentação constante em que uma certa ambiguidade e descontinuidade, estão sempre presentes. Não há linearidade e os sentidos são permanentemente simultâneos. Mesmo quando destacamos um sentido, este é um elemento momentâneo, autônomo, de um todo de criação contínua – a rede.

Neste contexto os ecos ditos e ouvidos, resquícios das sessões são transformados, porque entrelaçados ao ecoar interno da escuta do analista e seu arquivo de vida.

Não deixamos de tentar compreender o analisando nas devidas supervisões, mas ao ampliarmos as possibilidades de escuta, fomos refinando e transformando, porque nos permitiu ir para além da escuta do caso; nos permitiu a criação de diferentes personagens gerados pela escuta singular de cada uma das analistas. Cada uma foi construindo seu estilo próprio, mais pessoal, seu jeito mais natural de ser analista e estar nos seus atendimentos.

Vimos com Ana Raquel Bueno como a analisanda se torna Béa e pode ser escutada em conversa com a Macabéa de Clarice Lispector e o poema de Mário de Sá, revelando todo o seu inacabamento na difícil tarefa de ser. As palavras de Ana mostram o conflito fundamental de Béa: “existir ou desistir?” “Pilar da ponte” ou “pular da ponte” de tédio? Béa, ao contrário de Mário de Sá e de Macabéa, vive, mas adoece”.

Na escuta de Luciana Khair, a agressividade de Béa emerge, toma volume, cor, expressão, quase uma incorporação, fundida aos tentáculos do Impossível - a escultura de Maria Martins. “Vejo Béa nesses corpos brancos misturados, indiscriminados, que tentam em seus tentáculos se fundir. Mãe e filha em uma identificação canibal, voraz. Separação, diferenciação ou distinção é ameaça de um corpo dilacerado; ego fragmentado”.

Por fim na escuta de Fernanda Zacharewicz, Béa fragmentada na Luz, música de Arnaldo Antunes com seu conteúdo de poesia concreta, encontra a sombra para ensaiar o ser, até que ela possa se arriscar a caminhar por outros andamentos musicais. “Se novamente pensasse em Béa enquanto música pensaria em Andante, ainda lento, mas já no limiar dos andamentos considerados rápidos”, nos diz Fernanda.

Cada trabalho foi parte diferente: música, prosa, escultura que compôs um todo sensível e passível de aprendizado. Na analisanda num devir longo, trabalho de ourivesaria da dupla analisando analista. No trabalho apresentado, ampliando horizontes e formando o analista.

Ainda sobre a Jornada

MIRELLA MARTINELLI

Da mais recente Jornada de Membros do departamento “Formação em Psicanálise”, que ocorreu dias 10 e 11 de setembro de 2010, assisti a todas as apresentações, com exceção da última mesa. Foi uma excelente oportunidade para tomar contato com o pensamento dos colegas, debater, trocar experiências e idéias.

Haveria muito a refletir acerca de muitos trabalhos expostos, mas, como nosso espaço aqui é limitado, decidi destacar duas apresentações que a mim causaram particular interesse. Uma delas foi a exposição de Patrícia Vieira, que abordou dois casos clínicos de crianças. Embora a chegada de ambos para análise tenha se dado pelos adultos cuidadores com a mesma queixa - dificuldades de aprendizagem - ao nos contar um pouco sobre estes seus pacientes, Patrícia foi traçando uma diferença importante entre um e outro. Concluiu que uma das crianças fazia formação de compromisso, e sua hiperatividade estava relacionada a uma busca por encontrar um lugar que pudesse chamar de seu, enquanto na outra criança a hiperatividade não aparentava sentido – era descarga. Tomando estes casos clínicos, Patrícia exemplificou de forma muito clara a diferença entre sintoma e transtorno (segundo o conceito de Silvia Bleichmar).

Outro trabalho que me chamou muita atenção pela inovação, foi a mesa composta por Luciana Khair, Ligia Valdes Gomez, Ana Raquel Ribeiro e Fernanda Zacharewicz, apresentando um mesmo trabalho: “O Nosso Círculo: Fragmentos de uma Escuta Analítica”. As colegas expuseram um pouco do trabalho desenvolvido para um seminário clínico, proposto por Ligia Gomez – ampliar a escuta analítica através de obras de arte. Foi abordado o caso clínico de uma paciente atendida por uma das psicanalistas do grupo de seminário clínico, e cada integrante do grupo fez relação com uma obra de arte. Escultura, poesia, romance e pintura, foram utilizados para pensar aquela paciente, um sujeito que não terminara de se constituir. As obras de arte ofereceram ângulos diversos para que cada analista exercitasse o proposto por Ligia: ampliar sua escuta. O coordenador da mesa, José Carlos Garcia, apontou o momento criativo que se manifestou neste trabalho, e a apresentação na Jornada foi muito interessante para que pudéssemos compreender um pouco da proposta inovadora de Ligia.

Agradeço aos organizadores da Jornada pelo evento tão frutífero, que não apenas nos coloca em contato com o trabalho dos colegas, mas também oferece a oportunidade do contato presencial e do debate.

A voz humana. In: O estrangeiro, imagem-tempo _ a voz a escuta o olhar

ELIANE ACCIOLY

A linguagem não existe sem a voz, nem dela se desvincula. Na voz, a linguagem se desmancha. E sobrevive enquanto estrutura. A voz, ao deslocar palavras do lugar comum cria contextos específicos e outras relações. Por exemplo, o contexto mágico da mãe cantando cantigas de ninar para a cria. Ou crianças cantando e brincando de roda. Um mundo estranho que, se vivido, marca alguém pelo resto da vida. A confluência entre linguagem e voz é a loca onde imaginário e simbólico não se

desvinculam: o que chamamos de linguagem materna _ matriz da poesia, de todas as artes, e de outras formas expressivas _ os sonhos, os mitos, as religiões, a sessão analítica, outras.

A linguagem é estrutura, a voz a expressividade que a permeia. Estrutura e expressividade não se excluem, pelo contrário se atravessam _ diferentes e interdependentes. Dois cursos _ um gráfico e visual, a escrita. O outro, a voz humana, campo de imanência, invisível, mas palpável. Investindo a linguagem de materialidade, tornando-a vibrátil e ideogramática _ a voz cria condições para a figurabilidade. Sem a inclusão da voz trabalharíamos com uma linguagem abstrata e discursiva. Falaríamos *sobre*, seríamos observadores, e não parte do processo vivo.

Incluir a voz humana desconstrói a idéia de um homem universal. Para abordar o conceito de voz humana em sua positividade, Zunthor cunhou a expressão *vocalidade*.

Em *Corpo-de-sonho, arte e psicanálise*, no Capítulo 4 _ “A voz e a materialidade da linguagem” _ trabalho com Paul Zunthor, medievalista, para quem o modelo escritural, iniciado pelos anos 1100 DC, relegou a voz humana em detrimento do saber contido nos livros, transformando o saber no poder dos letrados. Ainda sofremos as consequências desses acontecimentos, pois, no ocidente, ao longo dos séculos, o saber foi equiparado a poder. Para o modelo escritural a voz é uma anomalia, e como diz Zunthor, uma anomalia em busca de ser interpretada e compreendida.

Por exemplo, substituindo a oposição abstrata oral/escrito, pelo paradoxo palpável ouvido/olho, escutar/ler retiramos a voz humana do esconderijo em que a calaram, conferindo a ela materialidade. E literalmente, a voz se revela em corporeidade e presença. A voz emana de nosso corpo, habita nossos sentidos. Não se trata só de escutar _ mas ver provar tatear cheirar, e tudo o que pudermos imaginar de inclusão do banido _ afetos sensações imagens de toda sorte. Está na expressão facial, nos gestos, postura, vestimenta. Está na história sem datas e sem monumentos _ a das cantigas de roda e de ninar, a dos doces cujos sabores e receitas atravessaram gerações, uma história povoada do que permanece vivo. Um exemplo, o sabor da *Madeleine*, Proust, fio condutor de *Em busca do tempo perdido*. A voz está na multiplicidade de versões da história dos perdedores. Para Walter Benjamin a dos perdedores é a história que interessa.

Um detalhe curioso, burlando a Revolução Cultural de Stalin, a semiótica russa foi traçada pelos perdedores. Dela vieram os formalistas russos como Victor Chlovski, Roman Jakobson e tantos outros que trouxeram a transformação ao ocidente misturando os termos _ corpo/alma, sagrado/profano, popular/erudito, outros. Deixando as dicotomias que esterilizam, o saber deixa de ser poder, ganha sabor, transformando-se em compartilhamento e doação.

Nós Fizemos

Um Skinhead no divã

POR ANA RAQUEL RIBEIRO

“Um skinhead no divã” está longe de ser um lançamento... O filme sueco foi dirigido por Suzanne Osten em 1993 e, embora

date do século passado, continua atual e instigante. O filme mostra um judeu (Jacob) e um neonazista (Sören) numa tensa e desconcertante relação terapêutica. Embora o médico judeu ofereça seus serviços para ajudar o neonazista perturbado (metafórica e concretamente machucado na “cabeça”), o processo de “análise”, que configura a trama do filme, é terapêutico tanto para o analisando quanto para o analista, como se ambos estivessem marcados pelo mesmo estranhamento do diferente (nem tão diferente assim...). Médico e paciente, judeu e nazista, estrangeiro e sueco, pai e filho funcionam no filme como pares complementares que causam estranhamento pela repulsa e atração simultâneas. É a semelhança (o duplo) que perturba ao mesmo tempo em que permite colocar fora aquilo que se torna insuportável em si mesmo. O filme mostra claramente todo o processo de projeção e de como essa projeção retorna, de forma persecutória para o sujeito que projeta, num efeito bumerangue. A paranóia vivida pelo skinhead é o medo de si mesmo. Medo de reconhecer-se no outro semelhante.

No filme, o médico judeu, às voltas pessoal e profissionalmente com o nazismo, evoca diretamente Freud, a psicanálise e as propostas freudianas para a compreensão da intolerância nas relações humanas: o “narcisismo das pequenas diferenças”. É nesse sentido que o racismo não se extingue, mesmo depois dos geneticistas comprovarem a inexistência de raças, e, talvez esteja aí a explicação para o final em aberto do filme de Osten. O final do filme frustra e expõe o espectador à mesma ferida narcísica vivida pelos dois personagens. Tanto o médico, quanto Sören vivem a ferida narcísica do objeto perdido, ficando, portanto, equiparados. A angústia do espectador frente ao final “aberto” do filme é a própria vivência da falta que jamais se aplaca. Qualquer outro final para o filme seria incoerente com a questão fundamental do racismo, da xenofobia e da violência deles decorrentes. Caso o skinhead, no final do filme tivesse, num surto, incendiado a casa do médico, por exemplo, atuando todas as ameaças que ele tantas vezes fez na transferência analítica, o espectador estaria autorizado a odiá-lo, reforçando a diferença entre aquele que assiste ao filme e o skinhead: “esse skinhead sim é racista, eu não”. Se, por outro lado, o skinhead sucumbisse ao tratamento, se “curando” de seu racismo, o espectador estaria autorizado a aliviar seu ódio à diferença do mesmo modo. Nesse caso, o alívio da dor narcísica seria justamente a eliminação da diferença. Dessa forma, o final do filme aponta para a impossibilidade de uma resolução simples dessa questão...

BREVE COMENTÁRIO SOBRE TUDO PODE DAR CERTO

POR VERA WARCHAVCHIK

Vera irá comentar sobre o último filme de Wood Allen “Tudo Pode Dar Certo”. Segundo a autora “Nos filmes do início da carreira de W. Allen a questão da irresolúvel insatisfação dos sujeitos era trabalhada na esfera da interioridade psicológica. (...) Nos últimos anos, o interesse do diretor parece ter se deslocado para as possibilidades de ação e de realização do sujeito, focando na inter-relação entre o desejo, a dimensão simbólica e a realidade.”

Leia a íntegra de seu artigo no link <http://www.megaupload.com/?d=VZZSN8DF>

Dos Detetives

POR EDE DE OLIVEIRA SILVA

Ede pergunta: “Qual a semelhança entre o detetive policial e o psicanalista?” Para lhe responder, ele vai fazer muito mais do que um percorrido histórico.

Leia a íntegra de seu artigo no link <http://www.megaupload.com/?d=NSSI604A>

A formação do desejo do analista em formação

FERNANDA ZACHAREWICZ

A seguinte questão tem me ocupado: como a vida de alguns dos analistas em formação tem se transformado durante, com e no curso de formação. O que será que acontece?

Penso que iniciamos o percurso na certeza de já termos trilhado algum caminho, falamos desde o ponto de vista de nossa prática. O que acontece que de repente a trilha acaba? Ficamos sem rumo. Mais que isso, viramos para trás e o que pensávamos que fosse uma trilha sólida, larga, segura: desapareceu! Encontramo-nos, lá pelo fim do primeiro ano, perplexos. Para onde vamos? Nem temos para onde voltar!

A certeza do não ter para onde voltar marca os passos de alguns dos que permaneceram. Marca porque o processo os transformou. Transformou-os em quê? Ainda está tão distante o final para que possa ser deslumbrado! A aposta é antes de tudo uma aposta em si mesmo. Um pouco do pó de pirlim pim pim que levamos no bernal.

O que temos? Uma faca para fazer a picada. Já a usamos de montão. Queremos água! Nada de água! Segue com tua faca. A faca vai, aos poucos, construindo, um novo caminho, arrancando o mato pela raiz. Mas dá trabalho! Trégua! Excesso! Puxa, e aquele caminho que eu tinha?

Já não sou mais aquele, portanto seguir o antigo caminho seria o assassinato do meu próprio eu. Mudam-se os empregos, adaptam-se os horários, apertam-se os cintos. E, assim, em determinado momento da labuta nos vemos transformados. Vemos um pedaço do novo caminho já trilhado. Obviamente sabemos que continuamos com a faquinha. Mas é isso que temos. É isso que sempre vamos ter: uma faquinha!

A faquinha que mostra a falta, que marca a possibilidade do trilhado e do a trilhar, a faquinha que é a ferramenta do desejo do analista em formação, porque nesse caminho a onipotência é um viaduto que desmorona.

O 'idealcoolismo' como estado mental, o masoquismo e o mal-estar na cultura.

POR ANTONIO ALVES XAVIER E EMIR TOMAZELLI

Nossas elaborações teóricas e clínicas sobre o alcoolismo parecem ser suficientes para que o consideremos não apenas como uma dependência da química do álcool ou apenas um comportamento aditivo, mas antes de tudo, como um estado mental específico; uma conduta de cunho psico-religioso - subjetiva, particular e degradada, que tem seu núcleo patógeno básico apoiado num tripé: no masoquismo mortífero e moral, numa organização patológica de estreiteza mental e no uso dos efeitos psicossomáticos do álcool para buscar um determinado tipo de ideal que o sujeito trata como a um deus. Em função disso, preferimos acrescentar o conceito de ideal no de alcoolismo para nomear uma prática que não tem apenas fatores psicossomáticos, mas que é também uma prática sócio-cultural.

De acordo com esse novo olhar sobre o alcoolismo, um olhar psicanalítico que interliga diversos quadros teóricos, acentua-se a importância da noção de estado. Este conceito faz referência a vários modos de existir do indivíduo, nos quais o seu funcionamento mental e o seu estar na sociedade acabam operando segundo a finalidade, a intensidade e a frequência com a qual o ele bebe e a dinâmica entre os estados 'idealcoolista', alcoólico e alcoólatra no processo de instauração e recuperação do seu alcoolismo.

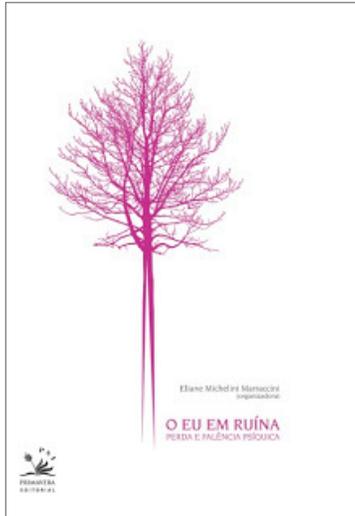
Existem, dentro dessa ótica, dois modos de alcoolização:

- A alcoolização alcoólica: das pessoas 'normais' que, com um uso recreativo da bebida alcoólica, tentam atingir uma agradável condição de relaxamento e convívio social.

- A alcoolização alcoólatra: dos indivíduos submetidos ao alcoolismo que usam os efeitos psicossomáticos da química do álcool para atingir a transcendência alcoólatra, produzindo um escape do humano em direção ao ideal de ser um 'deus de prótese'. Nossa hipótese é que para o alcoólatra, o álcool se volatiliza como corpo nos seus efeitos psicossomáticos e mentalmente se transforma em uma substância incorpórea ideal, transmutada em ídolo para ser ingerida durante o cerimonial de 'alcoolatria', que é a celebração central da religião degradada baseada da "idealcoolatria".

Concomitantemente, acreditamos que no 'idealcoolismo', lado a lado com a "idealcoolatria" e o narcisismo, a questão masoquista ocupa um lugar central. É determinante, para que o indivíduo se torne alcoólatra, a predominância do masoquismo mortífero associada a uma expansão patológica do eu. Esta derivação mórbida do masoquismo é o principal fator que explicaria a compulsão à repetição própria do alcoólatra, e o que demonstraria sua problemática relação com os sentimentos de culpa e de onipotência. Afirmamos assim, que no 'idealcoolismo', o indivíduo faz masoquisticamente um investimento libidinal (prazeroso) maciço na excitação provocada pelos efeitos psicossomáticos do álcool em detrimento do investimento libidinal objetual.

O Acto Falho foi conferir o lançamento do livro “Eu em ruína” e conversou com Eliane Michelini Marraccini (organizadora do livro).



O livro surgiu com o objetivo de ampliar e aprofundar a noção “eu em ruína”, tema central da tese de Doutorado em Psicologia Clínica de Eliane Marraccini, defendida pela PUCSP em 2007, sob o título “O eu em ruína: um estudo sobre a perda”.

A idéia era que os psicanalistas convidados pudessem escrever sobre o que divisavam e reconheciam enquanto “eu em ruína” em sua própria experiência clínica. Considerava então, que estas singulares contribuições e ressonâncias transferenciais, pudessem apresentar distintas vertentes e esquemas conceituais dentro da Psicanálise. Deste modo, o livro encontra-se composto de 14 artigos, assinados por autores filiados a diferentes instituições psicanalíticas, além de serem professores de distintas universidades e cursos de especialização em Psicanálise.

Eliana respondeu às nossas perguntas com foco em seu capítulo “O eu em ruína: perda e colapso”

Acto falho- Como se articula a noção “eu em ruína” e a clínica psicanalítica contemporânea?

Marraccini - É freqüente a procura de tratamento por pacientes com intensas dificuldades no enfrentamento de perda(s) significativa(s) em suas vidas. Revelam uma falência psíquica que repercute em um funcionamento subjetivo que não mais se sustenta, o que provoca efeitos desastrosos em distintas áreas do viver. Embora este quadro aponte para a desmontagem de condições psíquicas desenvolvidas, este colapso acaba por desvelar falhas na estruturação psíquica inicial deste sujeito, responsáveis pelo insólito erigir da coluna de sustentação do eu. São falhas primárias e profundas, fundamentalmente no estabelecimento de um narcisismo sólido e na consolidação da separação entre o eu e o não-eu, que permaneciam contornadas no funcionamento psíquico prévio, mas que se escancaram por ocasião da(s) perda(s) sofrida(s) na atualidade.

Acto falho - “Eu em ruína” vai para o divã e/ou se medica?

Marraccini - O sujeito que mergulha em estado depressivo de caráter melancólico, com força de conduzir para a ampla desmontagem, abrupta ou crescente, de suas condições pessoais, necessita intensamente de ajuda psicoterapêutica. Consistindo

esta na tentativa de auxiliá-lo a reverter o estado deplorável em que se encontra pela via da construção da possibilidade de simbolização da perda, objetual e/ou narcísica, que o mergulha no impasse destrutivo circular do qual não encontra saída. Como indicou Fédida (1988), o psicoterapeuta é médico de Eros, e assim, necessita ajudar a promover a reanimação psíquica do sujeito que, mergulhado na falta e no vazio, não consegue abrir espaço para a possibilidade de separação e ausência do outro. Isto desde os primórdios de sua vida mental e de sua relação original idealizada com o objeto primário, porém, sendo deflagrada e escancarada apenas por intermédio da vivência da perda significativa atual, seja de um ser amado e/ou de condições pessoais de outrora. Em vários casos pode ser necessário o auxílio medicamentoso, em especial nos pacientes com riscos de suicídio.

Acto falho - Sua palavra para os analistas em formação...

Marraccini - São frequentes os pacientes que, após longo tempo de sofrimento, procuram análise pela perda de um ser amado e/ou atingidos por perda das condições pessoais de outrora, tal como o sucesso profissional e/ou condições financeiras favoráveis. Conferem os efeitos da circularidade destrutiva que se instaura em suas vidas, afundando-se em auto-recriminações e/ou ressentimentos para com o mundo externo. No meu entender, não são questões apenas de luto patológico, mas de um trabalho primordial de processamento da melancolia constitutiva que, como indicou Klein (1935) permeia a estruturação psíquica face à separação original do objeto primário. Deste modo, o psicanalista tem pela frente severa empreitada, devendo estar ciente de que podem se apresentar quadros de “eu em ruína” em pacientes com distintos traços psicopatológicos predominantes: sejam histéricos, neurótico obsessivos, fronteiros, perversos ou com funcionamento psicótico.

Aconteceu (aqui)

Encontro com os autores

POR TALITA MINERVINO

Sempre gostei de participar deste evento que a princípio se propõe a abrir diálogo entre autores e leitores, mas que implicitamente, em minha opinião, atinge amplitude ainda maior. O espaço acaba por significar uma oportunidade de conhecermos o pensamento uns dos outros.

Da maneira como o encontro está organizado, algumas pessoas, do nosso convívio ou não, realizam algo que é explicitar: “Eu penso assim.”

Ao ouvir mais claramente os pensamentos do outro, nos deparamos com as semelhanças e diferenças que rotineiramente se encontram mais amenizadas. É claro, que daí surgem grandes admirações e muitos conflitos, aproximações e afastamentos intelectuais/afetivos. Que bom e difícil é o encontro.

Uma publicação – “eu penso assim” - é, antes de tudo, resultado de um amadurecimento profissional/pessoal e, sendo assim, um longo caminho percorrido.... Daí, o meu respeito, admiração e agradecimento aos autores e comentadores deste evento.

Outro aspecto a ser lembrado é a especificidade do tema tratado: “Encontro com o texto de Lacan”. Encontrar-se com este

autor é um desafio para muitos de nós. Pode significar deparar-se com uma “língua” a qual não compreendo e, assim, abrem-se algumas possibilidades - ficar curioso e com vontade de aprender, incomodado com a ignorância, ansioso por encontrar “palavras” semelhantes – é um grande esforço para não acontecer de simplesmente falar a “língua” que domino e ficar sem encontro algum.

O evento atual teve este grande desafio e acredito que conseguimos aproveitar esta oportunidade de diálogo.

Desejo que, cada vez mais, os membros do nosso Departamento tenham o esforço e o prazer de publicar seus artigos divulgando seus pensamentos e conhecimento na Revista Boletim Formação em Psicanálise, para que possamos compartilhar o que somos e produzimos, nos enriquecendo uns com os outros.

III Encontro de Membros

POR GISELA G. ARMANDO E PATRÍCIA VIEIRA (COM. DE EVENTOS)

O encontro aconteceu no dia 22 de maio e teve a participação, como expositores, dos seguintes membros: Mariângela Bento, Maria Tereza Montserrat, Luciana Solano, Maria Tereza Rocco, Fernando Falabella, Antonio Geraldo, Margaret Marques, Veridiana Paes de Barros e Maria Elisa Lucato.

Foi possível levantar diversas questões a respeito da inserção do psicanalista nos espaços institucionais. A importância política da inserção de pacientes, familiares e funcionários dos CAPs; a boa formação do analista para se inserir nestes espaços; o da instituição da transferência na entrada nos serviços diversos; a complexidade de uma instituição de saúde e a necessidade de compreensão de nosso papel nestas instituições; a visão de que não basta criar espaços de inserção, mas estabelecer um espaço de subjetividade para que os usuários possam se beneficiar dos diversos serviços.

Essas questões foram levantadas e debatidas, mas mais do que isso, instigaram os membros presentes ao debate, ao questionamento e busca de novos saberes no que diz respeito ao trabalho do psicanalista.

Ficou também a dica de um texto: “Linhas de progresso na terapia psicanalítica” Freud, S in obras completas vol. XVII. – onde Freud fala da inserção da psicanálise nos serviços públicos de saúde, entre outros temas.

Foi um encontro de inúmeras reflexões e de participação intensa de todos os membros ali presentes. E a nossa proposta é de que esses encontros possam se constituir sempre como um espaço de liberdade de pensamento nas diversas questões que a psicanálise se depara na sua prática cotidiana.

Por fim, agradecemos a presença de todos os membros

Debate clínico

POR FERNANDA ZACHAREWICZ E LUCIANA B KHAIR

Qual a questão na análise em que tudo parece ir bem, mas, nada muda....,

O debate clínico, realizado no mês de maio, apresentado por Luciene Guião, teve Maria Helena Saleme como debatedora e discutiu o tema da normopatía.

Segundo Saleme, o conceito de normopatía foi trazido por Joyce McDougall, que observou análises nas quais, apesar da aparência de que tudo funcionava como deveria, os analistas sentiam-se uma farsa. As regras eram seguidas: o analisando vinha, pagava, trazia sonhos, associava. Porém, ambos, analista e analisando não eram afetados um pelo outro.

Diante de que estávamos?

De uma criança que viveu um excesso pulsional, sem possibilidade de lidar com esse excesso e que criou a única defesa que lhe foi possível: interromper o circuito de afetação pelo contato com o outro, criando um vazio entre ele e o outro. Não suportou o excesso. Este ponto mereceria uma discussão mais detalhada, o que significa exatamente uma criança que é invadida desta forma? Podemos adiantar que esta ligado ao processo de repressão primária e às condições psíquicas da mãe.

O vazio criado impede a criança de fazer as identificações necessárias ao processo de desenvolvimento, e é preenchido com normas. As crianças ao introjetarem e identificarem-se com suas figuras parentais vão, aos poucos, constituindo sua própria identidade, formando algo de seu.

O normopata falha neste processo identificatório e faz de si um simulacro, sustentado pelo sistema de regras.

Estamos no campo da perversão. Na perversão não há subversão da lei. O normopata faz a paródia da liberdade e da transgressão da lei, para ele as regras são mais limitantes e determinantes do que para os demais. Seu desejo fica, ilusoriamente, no campo do irrestrito, mas efetivamente resulta no contrário disto.

A criança não suporta a figura da mãe castrada (sem a onipotência do desejo), não suporta pensar que seu “saber” é enganoso e que há limites para o Desejo. O perverso repete incansavelmente a tarefa de tentar demonstrar que a castração é uma brincadeira e que não há limites para o Desejo, se precisa provar é porque duvida, mas quer crer. Vive sob afirmações contraditórias. Vai então precisar criar um objeto que signifique a onipotência do desejo (a castração não existe) e tentar, assim, resolver o problema das articulações contrárias.

E quais são as funções desempenhadas pelos pais do perverso?

Para Maria Helena, a mãe do perverso aparece como figura poderosa (onipotência do desejo) e sedutora. O pai aparece como complacente, incapaz de propor o limite ao Desejo. Assim, o filho parece viver como a mãe poderosa e vive efetivamente como o pai impotente. Enfim, impossibilitado de aceitar a castração.

O Debate Clínico é uma atividade do Departamento dentro de um projeto de formação permanente e de possibilidade de trocas transversais de experiência clínicas.

O encontro foi uma oportunidade de pensarmos em grupo e abrimo-nos à escuta de nossos colegas, para assim ampliar a nossa compreensão. O debate clínico afasta o analista de sua solidão no consultório e o põe a pensar nas questões inerentes à prática psicanalítica, ampliando também o seu cabedal teórico.